

Julho
1968

O Bisturi

Ano XXXIII
N.º 123

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO «OSWALDO CRUZ»

A NOVA REVOLUÇÃO FRANCESA



Ensino pago na FMUSP ?

A Té pouco tempo, o pagamento de anuidades era coisa que sômente acontecia nas escolas particulares. Nas escolas do governo, na USP por exemplo, pagamento era uma hipótese remota com que alguns colegas criticavam o governo. Pouca gente preocupava-se realmente com a possibilidade de pagar o estudo aqui na FMUSP. Atualmente, porém, a ameaça se torna bem mais próxima. Os alunos da Escola Paulista de Medicina, que muitos do primeiro ano estariam cursando não fôsse a criação do experimental só lutando conseguiram revogar a transformação da escola em fundação que se manteria em grande parte com o dinheiro dos alunos. Na nossa própria faculdade foi nomeada pelo diretor João Alves Meira uma comissão de três professores para opinar sobre os itens aprovados pela "comissão de Reestruturação da Universidade". Sobre a transformação da Universidade em fundação, os três professores dizem que a fundação "não dispensará a tutela do Estado. A transformação em Fundação só se tornaria de fato benéfica se a Universidade dispusesse de rendas próprias ou de recursos financeiros pré-estabelecidos pela Constituição do Estado". Em outras palavras, a comissão admite que a transformação em fundação não dará à Universidade mais independência, mas que será benéfica se assegurar rendas próprias, o que acontecerá, por exemplo, se houvesse anuidades. Admitindo que os três professores da comissão sejam representativos do corpo docente da FMUSP, conclui-se que este não se opõe à pretendida transformação da USP em fundação.

Quais são as razões para esta mudança na Universidade? Quais serão os propósitos do governo? Terá o tão alardeado acôrdo MEC-USAID alguma relação com esta mudança? Estas são questões que, na minha opinião, afetam diretamente a nós alunos da FMUSP, às quais deveríamos todos buscar as respostas, e não esperar que estas respostas nos sejam oferecidas por um ou por outro grupo político.

luis ricardo

Nossa distribuição pelo Brasil é assegurada
pela Carlo Erba, sempre presente nas mani-
festações de arte e cultura.

O monstro subterrâneo

O acabrunhante e desesperador é ver o mundo controlado por um monstro clandestino, covarde, congelado, implacável, que arma, que efervesce nos subterrâneos a mais espantosa tragédia; que despreza o amor e odeia a vida; que assola a superfície, que fabrica assassinos oficiais no Vietnã, que mata de fome, que despreza o homem, a sua grandeza a sua infância, a sua velhice, a sua busca de paz, aperfeiçoamento e alegria.

Esse monstro guarda o seu trágico tesouro no subsolo e a êle não importa que a sua fantasia de rei esteja empapada de sangue, já se acostumou com esta visão desde Hiroshima, Nagasaki, Aushwitz. A sua voz é a voz do ódio e tem mil braços, mil tentáculos, Mafia, Ku-Klux-Klan, John Birch. É um monstro impessoal, a alma inoxidável. Foi êle que assassinou KENNEDY, LUTHER KING, PATRICE LUMUMBA, GUEVARA. Dono do Inferno, compra tôdas as almas, suborna e corrompe.

Esse nôvo demônio se alimenta de escombros, desertos e incêndios; a sua sobrevivência depende da prostituição, da criança apunhalada, do genocídio, da destruição da fé, do homem humilhado, ofendido, da herança de um milhão de cadáveres, da bala assassina, do veneno que corrói, do fim da juventude. O que é mau para nós, bom para êle. O nosso amor é o seu ódio. A sua vida é a nossa morte.

Esse monstro ama a guerra, a violência, a infâmia, a tragédia, o infortúnio, a miséria, a viuvez, a orfandade, a desgraça, o caso. Não perdoa o sorriso e tudo que é generoso, tudo que é fraterno, a igualdade dos homens. Vê no recém-nascido não a vida que floresce, mas a visão da cova. O seu circo é o cemitério, o seu prazer está no inferno. É êle o protetor das masmorras, das torturas, das mutilações, da cegueira, da antropofagia, do silêncio, do nosso silêncio.

A nós — vítimas perplexas — só nos resta a débil esperança de ver surgir do espaço, dos caminhos da luz, um anjo tão forte e poderoso como êsse agente das trevas, seja o que for, homem ou divindade, que o expulse e nos devolva o Sol — agora tristemente apagado — e a nossa alegria perdida de viver.

marcos de vasconcellos

m o m e n t o



Um estadista fôra morto.

Num instante a infernal maquinaria publicitária mobilizou-se farejando o furo a manchete. Seus olhos, enquanto espoucavam os "flash", dedos manchados de nicotina martelavam as máquinas nervosamente e as rotativas giravam, dirigiam-se para os zigue-zagues alucinantes da estatística de vendas.

Não importava quem morrera porque se perdia um grande homem, mas era necessário saber quem matara, como matara, porque matara. E depois o homem-manchete devia ser pesquisado. Sondar a vida e a obra. E a esposa! E os filhos! E o partido!

Despencando como avalanche, pouco tempo depois as notícias chgam aos jornaleiros e sôbre o público são despejadas as novas, sempre boas para os mancheteiros, porque elas fazem dinheiro.

O fator humano é esquecido, o que importa é chegar na frente. A dor não é lembrada, os familiares precisam ser entrevistados, isto vende.

Andando pela rua, sem saber o que ocorre, vejo com espanto a notícia e mais uma vez sustento a maquinaria famigerada, porém, nem por isso deixo de calar-me.

akamatu

Editorial

A REALIDADE DA REFORMA

O MOMENTO é de mudança. Todos buscam a reforma do sistema vigente procurando adequá-lo a uma solução particular onde deficiências seriam sanadas em interesse próprio. Assim, os dirigentes, professores e estudantes buscam isoladamente a reestruturação da sociedade.

O govêrno e professores concordam que a solução seria a passagem da Universidade estatal para fundação.

Os governantes querem uma reforma compreendendo a educação como investimento. Reestruturar o sistema de ensino a fim de modernizar as instituições tornando-as mais eficazes para os seus propósitos. A eles é importante que haja técnicos em economia, construção e indústrias para a aplicação de conhecimentos já elaborados, relegando a pesquisa e as ciências humanas a um segundo plano. Reformas para a manutenção do status quo, diminuído seus hiatos e falhas ou quando muito adaptar a sociedade à nova situação.

Os professores buscam com reformações a garantia da sua estabilidade profissional, recursos para o desenvolvimento da pesquisa independentemente de sua ligação ou não com os problemas brasileiros. Sua mudança é, no máximo, um burilamento da atual conjuntura, não afeta, o mais das vezes, às exigências de nossa sociedade.

Dêsse modo...

— se o encaminhamento da reforma induz a uma Fundação, que se sustentaria, em parte, por anuidades pagas pelos alunos

— se foram consultados os interesses e necessidades das diversas classes, afora a estudantil

...não se perguntou ou se cogitou da possibilidade dêesses estudantes pagarem pelo ensino, e, ainda mais se atentarmos para a presente situação sócio-econômica do país.

a redação

Reforma Universitária

Todos lutam pela reforma universitária; o govêrno, os estudantes e as próprias universidades, caso da USP, cujo reitor, Prof. Mário Guimarães Ferri afirmou que a Comissão de Reestruturação não mantinha ligações com o plano governamental, o MEC-USAID.

Como vemos a reestruturação da universidade brasileira apresenta várias versões e, cada uma delas resulta da interligação dada a universidade e a sociedade, por cada grupo.

Desta maneira, na estrutura capitalista existente no Brasil, a Universidade é encarada pelos dirigentes do país como uma entidade subordinada ao sistema vigente e cuja função seria o fornecimento de elementos capacitados, principalmente técnicos, para suprir as necessidades da indústria, em mãos de uma minoria, prevalecendo os capitais estrangeiros, esquecendo-se dos nossos mais pungentes problemas sociais.

Esta atitude, em relação ao povo brasileiro, está notadamente explícita na tentativa de transformação da universidade em fundação. Isto porque 30% dos gastos seriam mantidos por estudantes, através de anuidades, o que dificultaria mais ainda, ou melhor, impediria o acesso ao ensino superior das classes menos favorecidas, oprimidas pelo regime capitalista.

Ocorreria uma intensificação da já existente elitização de nossa Universidade.

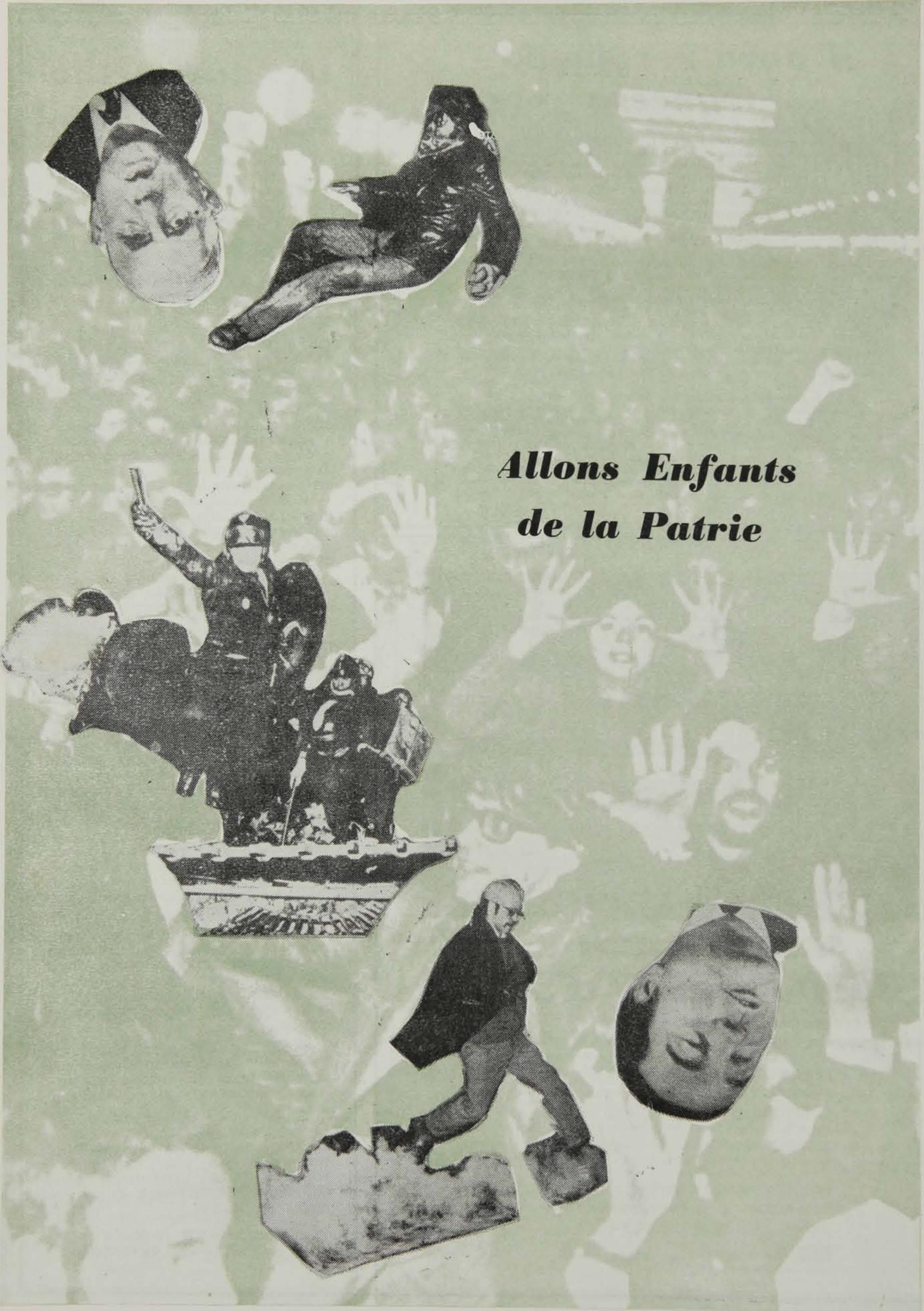
A luta estudantil caminha no sentido oposto; além de suas reivindicações específicas (que em parte são atendidas satisfatoriamente pelo plano governamental) existem outras de caráter mais geral, ultrapassando os limites da Universidade para o da Sociedade.

A Universidade é encarada como uma entidade para sanar as necessidades do povo, oferecendo oportunidades a todos de obter formação superior e não as de uma estrutura que oprime material e espiritualmente.

Como vemos a reforma almejada pelos estudantes, é praticamente impossível dentro do atual sistema e, é justamente neste ponto que a luta estudantil radicaliza-se transformando-se em uma luta pela reforma da sociedade.

colucci

calças brancas em nycron
sob medida
confeções de classe.
A. A. Troccoli
rua da glória,735 — 32-3489



*Allons Enfants
de la Patrie*

A nova revolução francesa

— Allons enfants de la patrie”.

— “Que este movimento é para jovens insatisfeitos com a universidade, com a estrutura social e até consigo mesmo!” — talvez sob este brado levantou-se a juventude parisiense que abalou o velho império gaullista e a arcaica sociedade francesa. Não. Não nos importam as palavras e sim o sentimento, e era este o motivo do protesto: a insatisfação generalizada.

Enredada na teia social esclerosada, a vibração natural da adolescência fez chegar aos ouvidos da França o seu lamento e mais uma vez, o mundo mostrou-se formidavelmente surdo, retrógrado e conservador.

Assim como alguém que perdido numa floresta corre sem destino buscando a saída, os jovens correram à rua pedindo reformas, sem objetivá-las é certo, sem estruturá-las, apenas sonhando. Sonhando chegar ao fim da mata escura e cerrada e contemplar uma clareira luminosa e aberta.

Mais uma vez perdeu o mundo a oportunidade que tinha para avançar, ficando apenas no estremeamento, com temor de aventurar-se numa experiência que lhe seria proveitosa.

Isto que muitos denominavam Revolução Francesa traiu o nome que lhe foi dado pois não passou de uma tentativa de adequação ao sistema existente.

A Nova Revolução Francesa que se augurava perdeu-se, porque seus combatentes não compreenderam suficientemente o seu significado e é hipocrisia querer atribuir a culpa aos partidos políticos e aos operários apenas, como muitos observadores o fizeram uma vez que a maioria estudantil embora clamando por causas outras, na realidade buscavam a simples reforma da casa em que viviam.

Outrossim, pondo de lado a objetividade fria e estatística do sim ou não, o levante da juventude francesa provou, sem o querer, que a Revolução ainda não pode ser feita porque o mundo não a aceita.

O movimento 22 de março

A PESAR de De Gaulle convencer a grande nação latina de que sua luta seria contra os comunistas que no concenso geral dela mesmo, os promotores da rebeldia, tudo iniciou-se com seguidores não de Moscou mas de Mao e Marcuse, sobretudo do último.

O anarquismo pregado por Cohn-Bendit era a aplicação prática das palavras de Marcuse: “a reforma é uma armadilha que também faz de nós uma parte do sistema. Portanto, o único objetivo válido é uma derrubada da própria ordem social, cuja prosperidade e coesão é fundada na exploração, na competição brutal e na hipocrisia.

Assim, para Danny, o vermelho, e seus amigos, acusados por todos os lados, a desordem era a ordem do movimento. Dentro de sua filosofia, o caos seria o fator que manteria o movimento incontrolável. Se ele o foi, até certo ponto, Cohn-Bendit, não contava com o espírito das massas que contra qualquer raciocínio lógico é ordeira e conservadora. Ao sentir o peso das palavras de Marcuse, via anarquistas, a população retrocedeu e seguiu por outra direção, qual seja, a da reforma pura e simples.

Dessa forma o grupo 22 de Março que servia de guia para o movimento rapidamente viu-se abandonado sem ser seguido ou ouvido, embora a imprensa propagasse que De Gaulle era ameaçado por Cohn-Bendit.

Sanche de Gramont, em seu comentário sobre a rebelião francesa, citou Godard e “A Chinesa” afirmando que este se enganara quando concluiu que os jovens de Nanterre, de formação burguesa, nunca atingiriam qualquer ação real das massas. Entretanto se Gramont tivesse aguardado um pouco mais, veria a realidade da conclusão de Jean-Luc-Godard porque o movimento das massas não seguiu o grupo de Nanterre que confessou: “agimos como detonadores e os reformistas tomaram conta.”

Poucos compreenderam que o movimento de Cohn-Bendit não era contra De Gaulle em particular, nem contra a universidade arcaica ou ainda contra o poder instituído, era sim contra a própria sociedade no que tange a sua estrutura.

Sob o estigma do anarquismo os políticos voltaram-se contra Cohn-Bendit prevendo que, se bem sucedido, eles próprios estariam arrasados.

A partir do momento que os comunistas ortodoxos, gaullistas, esquerdistas e direitistas deprenderam que não haveria revolução real, estava dado início à hora e à vez dos aproveitadores como Mitterrand, Mendès-France, Seguy e o próprio De Gaulle.

O movimento “22 de Março” estava falido e com ele o ideal da revolução.

DOMINGO	SEGUNDA	TÉRÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	DIA após DIA			

terapêutica penicilínica CONTÍNUA

com NÍVEIS PROTETORES

suspensão pronta para injetar

BENZETACIL

máxima performance de
níveis penicilínicos ULTRAPROLONGADOS com apenas UMA INJEÇÃO

| | | | 1 | 2 | 3 BENZETACIL PEDIÁTRICO 300.000 níveis até 3 dias

15 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 BENZETACIL 600.000 níveis até 6 dias

1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 BENZETACIL 1.200.000 níveis até 14 dias
8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 (profilaxia e tratamento da febre reumática e profilaxia do tétano)

1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 BENZETACIL 2.400.000 - níveis até 28 dias
8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14
15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21
22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 (específico no tratamento da sífilis, boubá e outras treponematoses)

PRONTA PARA USO - economia e conforto

SEGURANÇA - menor possibilidade de reações alérgicas

GARANTIA - níveis ultraprolongados

F-M Fontoura-Mijell S.A.

Pioneira do progresso em antibióticos no Brasil

A estratégia do general

Calado durante enorme período, De Gaulle não estava apático aos acontecimentos que se desenrolavam. Esperava apenas compreender a situação e a hora de agir, além do que, certamente, o seu silêncio pesaria na hora da decisão porque em parte dava mostra de grande tranquilidade e segurança de ser superior à crise.

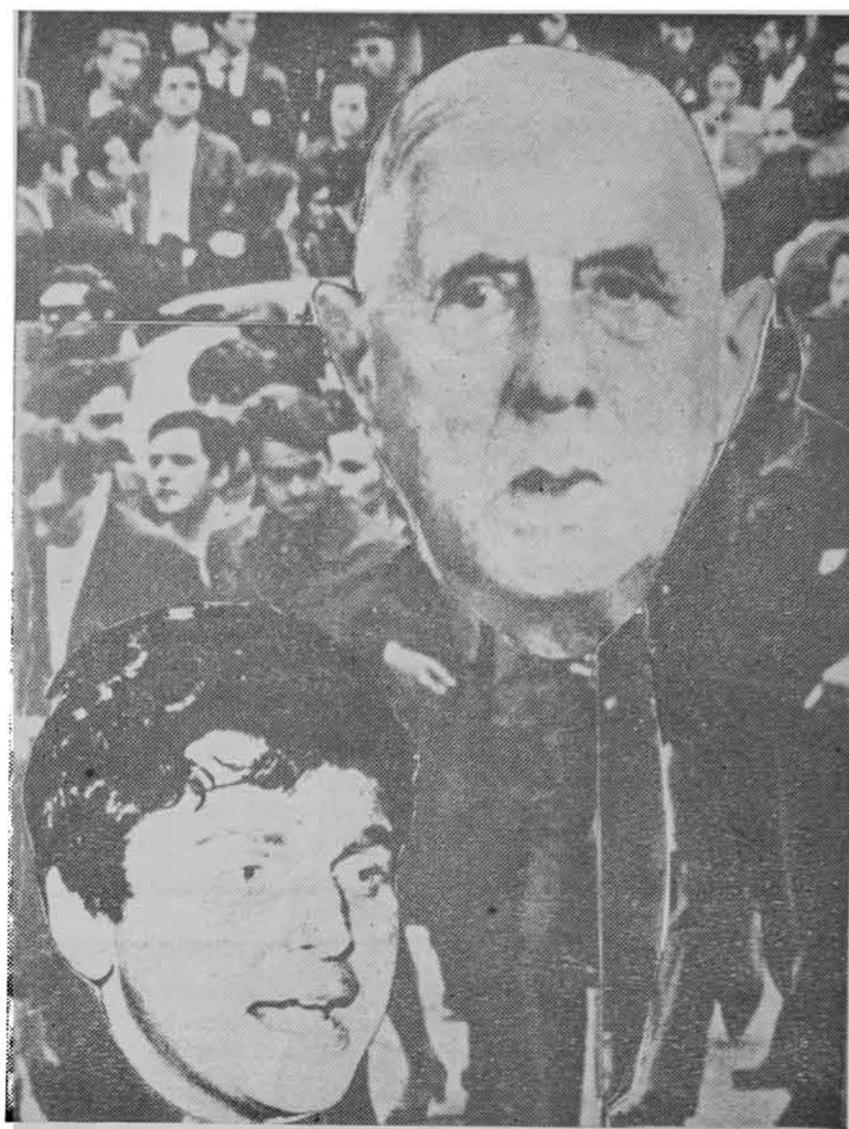
Foi com clareza Napoleônica que De Gaulle percebeu que dividir para conquistar era a solução e nem ao menos teve este trabalho porque nesse meio tempo já se esboçava no seio dos revoltosos a cisão entre operários e estudantes, dirigentes e dirigidos, entre Cohn-Bendit-Marcuse e o resto do mundo. Então do impossível contrôlo sobre a população seguida da sequela de confrontos ideopsicológicos, o plano caiu fatalmente para o político e neste, onde De Gaulle é mestre e senhor, seu adversário seria o Partido Comunista como tem ocorrido desde velhos tempos. Era a hora do fico para combater os comunistas e também garantir vantagens para o duelo: gaullista x comunismo. E o que de melhor poderia De Gaulle, senão atribuir o caos da situação ao seu adversário?

De Gaulle contava com a carência dos últimos dias aliada ao conservadorismo francês. Sua proposição de escolha, à sua moda, seria fator preponderante à vitória. Mais ainda. A promessa das reformas que mataria a sede do movimento, já desarticulado, garantiria mais alguns votos.

Com seu espetacular tino político em meio a balburdia divisou após a reviravolta da revolução, seus inimigos operantes, aproveitadores da situação que declararam-se a certo instante sucessores do grande Charles e contra eles, virou o seu fogo.

Sendo assim suas concessões não foram em vão, mas constituíram-se em trunfos para a vitória.

Contornava assim, mais uma vez, um atentado ao seu poder, talvez o mais perigoso de início, porque era, por princípios, incontrolável e dirigido não a De Gaulle mas contra tudo e todos.



COHN-BENDIT

DANIEL Cohn-Bendit, um jovem de 23 anos que nasceu aos sons da última grande guerra é atualmente o mais detestado na França por aqueles que detêm o poder. Chamado de anarquista pela esquerda e pela direita, Bendit representava a força do poder jovem e o perigo para os ortodoxos políticos, quer gaullista, quer comunistas.

Pleiteando pela reforma universitária Daniel levou seus companheiros a um início de luta ameaçando estender o combate, caso não atendido, à revolução social.

Pregando a liberdade foi inquirido sobre seu radicalismo, mas Cohn-Bendit, sereno respondeu:

— "Nós pedimos a liberdade de expressão no interior da faculdade, mas a negamos aos partidários dos norte americanos. Ninguém admitiria um comício sobre o tema: "Hitler tinha razão de massacrar os judeus". Então por que tolerar um comício pró-americanos, organizado por fascistas, sobre um tema parecido?"

Adepto da revolução permanente, porque o pai era ativo militante "trotskista" e a mãe idem. Em 1958, a família voltou para a Alemanha, onde o rapaz terminou seus estudos universitários. Em 1964, voltou para a França, depois de ter perdido os pais, órfão, aproveitou uma bolsa de estudos do governo de Bonn, classificando-se como "estudante que perdeu os pais em virtudes de perseguições raciais". Tinha vontade de ser advogado, mas acabou se inscrevendo na cadeira de Sociologia. De 64 até agora, ocupou-se um pouco dos estudos e muito da política universitária.

E em quatro anos o mundo universitário francês o conheceu. Os jovens estudantes admiram sua inteligência, seu brilho, sua modéstia, sua dedicação às lutas universitárias. Vibravam quando o viam surgir, uma madeixa de cabelos na testa, malha, sapatos, tenis e uma grande facilidade oratória. Tribuno eficaz, lembrando os grandes oradores da França, esse alemão conseguiu em pleno século XX ostentar uma aureola romântico-revolucionária.

Os vários planos da crise francesa

EM tôdas tentativas que fizemos de analisar a crise francesa iniciada com o aparentemente modesto movimento dos estudantes de Nanterre, vimo-nos barrado pela multitudine de fatôres encontrados. E' certo que tôda manifestação popular traz em seu bôjo várias facêtas porque é composta de vários indivíduos com vários pensamentos, mesmo assim muitas rebeliões podem ser sintetizadas numa análise relativamente fácil. Entretanto a crise francesa é um enredado de movimentos e contra-movimentos, rebeliões dentro de rebeliões, choques múltiplos de ideologias, partidos e líderes. Ainda assim um só elemento nos parece ser o ativador de tôda reforma: o espírito burguês.

E' quase certo que no início do século, nunca qualquer manifestação tenha tido êste caráter dado que faltariam às suas bases duas classes que se aliam e se revoltam na crise de 68: a classe operária e a classe estudantil.

Com o advento da revolução comercial e industrial surgiram estas classes que gradualmente tornavam-se mais e mais necessárias ao desenvolvimento da tecnocracia. Contudo esta expansão, de uma variante do capitalismo, assume caráter ditatorial e opressor incompatível com o sentimento gerado pelos sistemas nas duas peças básicas do regime.

Pôsto isso, consegue-se divisar na revolta francesa dois planos principais:

— de um lado os estudantes promovendo a revolta no sentido de reestruturar a sociedade.

— no outro, os operários pleiteando melhores condições de trabalho e subsistência, pouco se importando com o esquema social.

Então, se num plano está a revolta sociológica e noutro a reforma econômica, em ambos o espírito burguês se manifesta.

Atrás de tudo isto, surgem então os profissionais da direção populacional,

cada qual procurando tirar partido da situação e manter o status quo.

Mais tarde dentro do movimento estudantil surgiria a cisão patrocinada pela União Nacional dos Estudantes da França (UNEF) que se manteve alheia ao espírito de Cohn-Bendit interpretando e levando a luta para o lado da reforma do ensino, ao combate da estrutura universitária.

Daí por diante os planos, outrora diferentes, dos estudantes e dos operários, formaram um só: o da reforma do sistema, na tentativa de melhorar-lhe a aparência.

No resultado final, venceu o espírito burguês que fez com que, à vista do Poder os combatentes da Revolução Social que se avizinhava perderem o seu sentido, faltando-lhe de um lado, a visão política e de outro, sobrando a inércia.



ANFERTIL por algum tempo. Estamos começando a vida. Primeiro há os plantões, estágios, cursos complementares e a casa. Então, teremos uma família. Até lá, **ANFERTIL 1/2 mg** vai nos proporcionar os meios. E com que segurança e conforto! Claro, **ANFERTIL 1/2 mg** é o mais atualizado anovulatório devido à redução da dosagem progestínica. Bem por isso é indicado inclusive para pacientes com intolerância à medicação anteriormente disponível.

ANFERTIL
estôjo com
21 comprimidos

Fontoura-Wyeth S.A.



A NOVA REVOLUÇÃO FRANCESA

Suplemento especial de julho de 1968

Sergio René Akamatu

o bisturi
suplemento especial

Coluna Livre

Agora, silêncio — Sr. Redator, quando todos os que pensam, pensam em reverência à memória de quem, abandonando seus interesses particulares, lutava pelos interesses dos outros, e o Centro Acadêmico a que pertenceo sequer anuncia sua morte, eu me envergonho de a êle pertencer e sinto-me na obrigação de prestar a minha homenagem, não como integrante daquele centro, mas como aluno da Faculdade de Medicina da USP a Robert Francis Kennedy: "se, se porventura tivesse sido assassinado alguém como Fidel Castro, Mao Tsé Tung, Ho Chi Minh ou outro qualquer, certamente êsse mural (o do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz) já estaria cheio de recortes: anunciando a morte, protestando contra a mesma, glorificando a figura do assassinado, denunciando os 'imperialistas' e responsabilizando-os pelo fato". Nós, quando alguém como Robert Francis Kennedy perde a vida simplesmente porque amava os negros e os pobres e desejava elevá-los a uma condição condizente à dignidade humana; simplesmente porque era contra o 'gangsterismo' e a corrupção; simplesmente porque acreditava na Família, nos jovens, na Justiça; enfim, simplesmente porque lutava por um mundo melhor, nenhuma voz se levanta para protestar, ninguém se lembra de homenageá-lo e aqui sequer sua morte é anunciada. E por que? Simplesmente porque é americano. E como americano desejava ver concretizados todos os seus ideais; e êle, somente êle, poderia fazer com que aqueles ideais se tornassem realidade; entretanto, essa realidade, certamente, desgostaria os nossos socio-mao-festivo-comunistoides, que se responsabilizam por êsse mural — e por que não? — por êsse Centro Acadêmico. Quando nesse momento, uma nova e terrível tragédia enluta a sociedade americana e o mundo todo a lamenta e nós aqui, êsse Centro Acadêmico se cala, eu simplesmente me envergonho de a êle pertencer".

murilo pereira coelho



APRESENTANDO

Uma solução
inteiramente nova
para um velho problema

SONEBON

1,3 - diidro - 7 - nitro - 5 - fenil - 2H - 1,4 - benzodiazepin - 2 - ona

(nitrazepam)

restabelece o ritmo
fisiológico do sono
por efeito euhípnico

poder hipnagênico exponencial amplamente atóxico isento de ação narcótica

tolerância esplêndida em tôdas as idades

APRESENTAÇÃO: caixa com 20 comprimidos a 5 mg



a novaquímica, laboratórios S.A. Rua Frei C. — tel. 36-1022 — São Paulo

Mais uma morte apenas

Já não será tempo de nós analisarmos demoradamente, nosso modo de vida e nosso modo de pensar, e enfrentar o fato de que a violência de nossas ruas é a violência de nossos corações, de que com tôdas as nossas realizações, nossos altos e baixos, nossa aparência bela e brilhante, nossas caridades e nossos deuses, como aquilo que eramos — um povo de violência?

Lincoln, Garfield, McKinley, John F. Kennedy, Martin Luther King, Edgar Evers — além de uma infinidade de homens linchados, de homens espancados até a morte nas celas policiais, de índios extropiados à faca e a revólver, de gente negra mantida em escravidão durante um século por um milhão de pequenos exércitos, cujos membros conferiram a si mesmos o título de cavaleiros, os quais há muito tempo agrilhoaram o trabalhador negro e impediram que a humanidade negra andasse em liberdade — o cérebro de Robert Kennedy — recebeu apenas o mais recente fragmento de uma explosão tão velha quanto êste país.

INDIFERENÇA

Aqui está um Congresso literalmente frente à frente com um exército de homens pobres implorando um pouco de alívio em sua miséria — um Congresso cuja resposta é o escárnio, um sorriso afetado e uma advertência para que se mantenha em ordem.

Aqui está a gente que preferiria curtir o ódio no coração a estender a mão fraternalmente ao negro e ao pobre. Isso é violência. É um ato assassino dizer a uma mulher que, por ter dado vida a um filho fora do casamento, ela e o filho não têm direito a comer.

A violência existe porque temô-la venerado diariamente. Qualquer homem semi-instruído, trajando uma boa roupa, pode fazer fortuna preparando um espetáculo na televisão, cuja brutalidade é fotografada em detalhes suficientemente monstruosos. Quem produz tais espetáculos, quem os patrocina, quem é honrado por atuar neles? São tais pessoas, psicopatas, delinquentes que se movem furtivamente pelas ruas da cidade? Não, elas são os pilares da sociedade, nossos homens honrados, nossos exemplares de sucesso e realizações sociais.

VERGONHA

Devemos começar a sentir a vergonha e o arrependimento que nos cabem, antes que possamos começar a construir, sensatamente, uma sociedade pacífica, para não falar num mundo pacífico. Um país onde as pessoas não podem andar a salvo em suas próprias ruas não conquistou o direito de dizer a outros povos como se devem governar, muito menos o de bombardear e queimar esses povos.

O que deve ser feito? Devem considerar a situação com humildade decente, não com cinismo.

Tomemos os 30 bilhões de dólares destinados à guerra e dediquemos a mesma energia e engenhosidade que empregamos na guerra, para extinguir a desgraça da pobreza na mais rica de todas as nações.

Somos hoje 200 milhões de habitantes. Ou começamos a organizar uma civilização, o que significa uma consciência comum da responsabilidade social, ou o predador dentro de todos nós acabará por nos devorar a todos.

TEMOR

Devemos enfrentar agora o fato de que tememos o negro porque lhe negamos a justiça social e não sabemos que há muito a ser feito, porque não convertemos em prioridade, literalmente, a criação dos empregos que devem e podem ser criados.

Tememos outros países por recear que saibam, melhor do que nós, atender às exigências dos pobres e da gente de côr.

Tememos a nós mesmos porque nos anunciamos, promovemos e criamos "slogans" à nossa volta como se estivessemos em perpetuo estado de contentamento.

Somos suficientemente ricos para extinguir cada favela existente e abrir um mundo de esperança para os pobres. O que nos detém? Desejamos a paz no Vietnã? Pois façamos a paz. Desejamos esperança para nossas cidades? Então deixemos de negar a cada homem seus direitos inatos.

PROMESSAS

Já que os Estados Unidos foram os mais pródigos em promessas, devem ser ainda mais pródigos em seu cumprimento. Talvez a única promessa que nos resta seja a justiça social a cada homem, independentemente de sua côr ou condição.

Entre a promessa e sua negação está um homem armado. Entre a promessa e sua negação está um homem que as mantém separadas — o norte-americano. Ou bem compreende o que está fazendo, ou dará o passo final e fatal rumo à violência que criou.

Somente a Justiça poderá superar o pesadelo. Nosso é o sonho norte-americano a invocar.

artur miller

Igreja: Nova Visão

América Latina: REVOLUÇÃO: SIM. VIOLÊNCIA: NÃO. SOCIALISMO: POR QUE NÃO?

GUATEMALA O Arcebispo é sequestrado

“**A** violência não se justifica em nenhum caso, porque ela implica sangue, tristeza e nada mais”. Esta afirmação de Don Casariego à imprensa do México mostra como o Arcebispo da Guatemala (cidade), entende, junto com outros homens responsáveis da Igreja, como se operam as transformações de estrutura, cuja necessidade na América Latina, ele ressaltava na mesma entrevista.

Isto bastou para que na volta do México para seu país, sábado, dia 16 de março, fôsse recebido por anúncios designando-o como “cúmplice dos guerrilheiros”. No mesmo dia foram raptados, ele, seu motorista e seu carro. Tudo leva a pensar que ele foi vítima de uma organização terrorista de extrema direita. Dois dias mais tarde o governo decretava estado de sítio, pois que desde janeiro último, o país se encontrava sob regime de urgência.

A 20 de março Dom Casariego foi libertado em Quetzaltenango, a 200 Km. da capital, onde o helicóptero foi buscado. Decididamente não quis designar os seus raptadores.

Reformas: sim. Violência: não. Era já o sentido do comunicado, no qual, a 30 de janeiro, Dom Casariego, reprovava a opinião tomada por 3 missionários e uma religiosa americanos em favor da guerrilha.

Três das quatro pessoas continuam ainda a manifestar-se:

P. Bompane é considerado excluído da sociedade missionária de Maryknoll, e suspenso, porque preferiu permanecer nos Estados Unidos para informar as administrações e a opinião pública sobre a situação na Guatemala antes de ir a Hawái, onde lhe tinha sido confiado um novo trabalho.

P. Tomas Melville e a irmã Mirlam Peter Bradford, cujo casamento confirmaram e se encontram “ipso facto” excomungados, anunciaram seu projeto de formar um grupo de guerrilha, explicitamente fundamentado sobre os princípios cristãos e a doutrina social da Igreja...

No fim do mês de março, os 102 missionários americanos de Maryknoll na Guatemala, manifestaram publicamente que não permaneceriam solidários à análise, opção e atitude de seus colegas: opção que eles consideravam como “ingênua” e “traduzindo uma completa ignorância das realidades deste país”. Junto a uma outra fonte, que reproduz aquilo que parece ter sido o primeiro projeto desta declaração, os missionários,

manifestam sua oposição “ao pensamento ingênuo, irrefletido, individualista e romântico, que provocou um recuo no verdadeiro trabalho de desenvolvimento humano e social na Guatemala.” (Informations Internationales, n.º 309, p. 16).

CUBA

A teoria econômica marxista

Todo mundo pensa em Cuba naturalmente, “modelo” para uns, “repulsa” para outros. E’ de Cuba, precisamente, que Dom Zacchi, núncio apostólico, falou, numa entrevista à agência democrata-cristã Interpresse-service.

Sabe-se hoje, disse, que “a revolução é irreversível”. Ela teve efeitos sociais positivos. “A Igreja deverá começar a pensar no lugar que lhe cabe na nova sociedade”.

No seu lado, o governo “detetou esta mudança de atitude”; “começou pela primeira vez o diálogo com a Igreja através da anunciatura... Isto significa o comércio da confiança. Se a Igreja compreende de uma vez por todas, que Cuba é seu país e se o governo compreender que a Igreja quer trabalhar com ele e não contra ele, então muitas coisas poderão melhorar”.

O representante da S. Sé não vê perigo se um católico “adota a teoria econômica marxista nos campos práticos de seu engajamento como membro ativo duma revolução”. “Por esta troca, certos ideais do pensamento católico, certas concepções da existência podem ser introduzidos nos ideais da revolução”.

Dom Zacchi disse ainda que se ele não considera Fidel Castro “ideologicamente” cristão, ele o considera eticamente cristão.

(Informations Catholiques Internationales 1968 n.º 309, p. 17)

DOM HELDER

Marcha para o socialismo

Dom Helder ampliou o conceito, dizendo que os cristãos não devem temer a união com o mundo em marcha para o socialismo, ao qual eles “podem oferecer uma mística da fraternidade universal e da esperança incomparavelmente mais larga que a mística estreita tomada do materialismo histórico. Esta colaboração para a socialização ficou facilitada pelo fato de que “Os Marxistas sentem agora a necessidade de rever seu conceito de religião que não pode ser mais apresentada como um “ópio”.

(Informations Catholiques Internationales, 1.º de abril, 1968 n.º 309, p. 16)

○ Bisturi

EXPEDIENTE

Órgão Oficial do Centro Acadêmico
“Oswaldo Cruz”, da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo.

REDAÇÃO: Av. Dr. Arnaldo, 453
Tel.: 52-1729 — S. P.

DIRETOR: Sergio René Akamatu

SECRETARIO: Sadao Takei

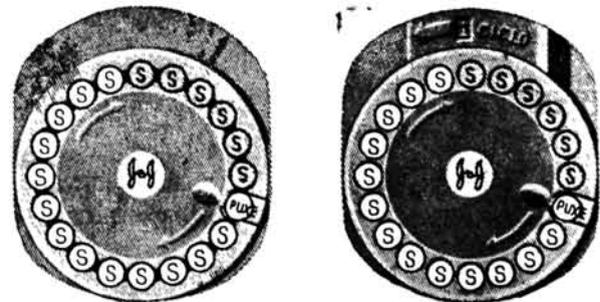
REDATOR: José Carlos Colucci

A redação não se responsabiliza por
artigos assinados

Impresso na Gráfica Editôra “RECTA” Ltda.
Rua José Getúlio N.º 181 (Fundos)

Novulon “S”

MARCA REG.



Estôjo de 1 ciclo

Estôjo de 3 ciclos

- Máxima eficácia ciclorreguladora
- Menor dose hormonal
- Inibição fisiológica da ovulação

CASA FRETIN
São Bento, 176 — 32-1774

Tudo em material cirúrgico
Óculos de todos os tipos